

# I ENCONTRO DOS CERRADOS

ARAXÁ - MINAS GERAIS

De 1 a 3 de dezembro de 1986

OFERTA E DEMANDA

DE

PRODUTOS AGRÍCOLAS

DOS CERRADOS

PROJEÇÃO

\* ELISEU ALVES

ELISEU ROBERTO DE ANDRADE ALVES é presidente da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF.

Vou abordar, neste Encontro, assuntos que visam a orientar o pensamento dos companheiros da Pesquisa, da Extensão, da Assistência Técnica e dos nossos amigos agricultores, em uma perspectiva de tempo um pouco maior.

Tentarei caracterizar o cenário a que estou me referindo, que é o de um país que no meu modo de entender está totalmente urbanizado - o Brasil.

Já temos 75% da nossa população vivendo no meio urbano. De acordo com estudo que Francisco Veras e eu terminamos no ano passado, e já divulgado, o Brasil deve chegar ao final do século - e não está longe disto - com 80% de sua população vivendo nas cidades; ou seja: terá o mesmo índice de urbanização dos EUA de hoje, que têm 80% de sua população vivendo nas cidades e 20% no meio rural.

Há uma diferença muito grande quanto a emprego. A agricultura americana emprega mais ou menos 2% da força de trabalho do país, enquanto a do Brasil ainda emprega cerca de 30%.

Mas, com relação à residência da população, o Brasil está convergindo rapidamente para o que os EUA são, atualmente.

É claro que isto causa mudança tremenda nos hábitos de consumo; e esta mudança tem que se refletir no planejamento de médio prazo de todo mundo que está lidando com a agricultura. Em todo o Mundo, quem mora nas cidades tende a consumir mais proteína de origem animal, frutas, hortaliças, óleos vegetais e a consumir muito menos feijão, arroz, gordura de porco, mandioca e, sobretudo, produtos que demandam muito tempo da dona-de-casa para preparar.

Uma das grandes mudanças que a revolução da urbanização trouxe é exatamente como a dona-de-casa emprega o seu tempo. Esse tempo é muito mais direcionado para o emprego do que para o lar. Este fato tem influência muito grande no que é consumido ou produzido no próprio lar. Se for examinada a situação, vamos verificar que este é um fenômeno que diz respeito a todas as classes de renda.

Se houver aumento de 5% de renda para as classes mais pobres, que vivem no meio rural, o que vai acontecer com o consumo?

Primeiro, grande parte dos 5% vai para o consumo de alimento; pequena parte sobra para o consumo de outras coisas. Segundo, também essas classes mais pobres vão dividir o consumo de alimentos exatamente em relação a esses produtos que mencionamos: proteína animal, frutas, hortaliças e óleo vegetal; muito pouco do consumo irá para o feijão, arroz e mandioca.

O que acontece com este círculo?

Os produtos caminham na direção dos animais, alimentando-os; estes, por sua vez, vão fornecer proteína para o consumo do Homem. Então, tudo o que estiver relacionado com esta grande engrenagem de proteína animal na agricultura, certamente vai causar crescimento muito grande do consumo.

O que está relacionado com isto?

Primeiro, os animais diretamente e os seus produtos derivados; segundo: o que alimenta os animais: soja, milho, produtos, por exemplo, que têm diversificação de uso muito grande, como o próprio trigo. Estes produtos estão dentro dessa engrenagem e, portanto, têm capacidade, também, de acompanhar o crescimento. E, principalmente, os produtos que são diretamente consumidos pelo próprio Homem, como frutas, hortaliças, óleos vegetais, entre outros.

Como ficam os números nisso?

A população brasileira cresce à taxa de 2% ao ano. Isto significa que temos 2% a mais de estômago para consumir alimentos, a cada ano que passa.

Temos um crescimento da demanda de alimentos, só por via de consequência desse crescimento da população, em cerca de 2%, ou seja, todo ano, para deixar a população brasileira alimentada da mesma forma, temos que fazer a produção de alimentos crescer de 2%. Se crescer menos do que 2%, ou vamos ter que importar alimentos ou vamos ver os preços dos alimentos subindo no mercado interno, com consequências funestas, principalmente para aqueles que consomem grande parte do seu orçamento familiar na compra de alimentos, que são as pessoas mais pobres.

Subir os preços dos alimentos é, portanto, uma distribuição de renda às avessas: dos pobres para os ricos. Significa, exatamente, colocar em perigo tudo aquilo que estamos pregando como conquista de Democracia. Porque Democracia, do ponto-de-vista econômico, significa distribuir melhor a renda nacional, depois de tê-la, também, feito crescer. Faltar alimento significa pôr isto em risco; significa anular todos os efeitos das políticas de redistribuição de renda, pois ao redistribuir o poder de compra, o preço dos alimentos sobe e esse poder de compra dos mais pobres, evidentemente, vai ser anulado.

Subir os preços dos alimentos é anular os frutos da redistribuição de renda.

Dois por cento da produção brasileira têm de crescer como consequência do crescimento da população; ou seja: a demanda cresce, como consequência do crescimento da população, em cerca de 2% ao ano.

Depois, há outro problema: se o Brasil tivesse atingido um nível de alimentação muito bom - é evidente que o estômago de cada um de nós tem uma certa capacidade - na realidade a única fonte de crescimento da demanda de alimento é o crescimento da população. Nos países ricos, muito bem alimentados, que já estabilizaram a população, raramente há crescimento da demanda de alimentos; o que existe é substituição. Quer dizer: quanto mais rica vai ficando a população, há uma tendência de substituir alimentos na direção que mencionamos; mas, o total consumido tende a ficar o mesmo, porque o estômago humano tem capacidade limitada e a Medicina vem pregando, cada vez mais, principalmente aos ricos, para se alimentarem menos. É provável como consequência desta pregação da Medicina, que o consumo de alimentos da parte rica da sociedade possa até decrescer ou, então, ter substancial mudança de qualidade. Mas este não é o caso do Brasil.

Grande parte da população brasileira está mal nutrida. Então, quando tivermos crescimento de renda, vamos admitir de 5%, que é o previsto, num período grande de dez anos, parte desse crescimento de renda vai levar ao crescimento da demanda de alimentos. A origem, de acordo com os dados disponíveis é a seguinte: em média, na sociedade brasileira, esse crescimento de 5% da renda "per-capita" traz crescimento da demanda de alimentos de 2,5%. Assim, já temos 2% de crescimento da população, mais 2,5% de crescimento da demanda de alimentos, totalizando 4,5%. E há o mercado interno, a produção de fibras, a produção de energia, via biomassa. Se somarmos tudo, seguramente temos mais 1% de crescimento, elevando o crescimento da demanda da ordem de 5,5% ao ano. Isto é um crescimento muito grande. Em média, considerando todos os produtos - em relação àqueles que são tipicamente de consumo urbano, repetindo: proteína animal, frutas, hortaliças, óleos vegetais - cada ponto de crescimento da renda "per-capita", geralmente causa o crescimento de 1% na demanda de alimentos.

Logo, temos 2% de crescimento da população, mais 5% oriundos do crescimento da renda "per-capita", perfazendo 7%. E a exportação, nesse caso, tende, às vezes, a ser até maior. Nós podemos, tranqüilamente, quem sabe, conseguir 1% ou 1,5% de crescimento via exportação; aí, teremos crescimento de 8,5% da demanda desses alimentos; nos últimos dois anos, o Brasil teve grande redistribuição de renda, de aumento do poder de compra, principalmente das populações mais carentes. E os alimentos que mencionamos são exatamente aqueles com os quais estamos tendo problemas para abastecer o mercado interno.

Parece que a demanda, na realidade, explodiu e passou a crescer à taxa a que nos referimos, de cerca de 8,5% ao ano; a produção brasileira não estava preparada para atender rapidamente a isto e por este motivo estamos tendo conflitos sociais, tão bem descritos mas às vezes exagerados pela Imprensa nacional, sobretudo quando critica os agricultores como sendo os responsáveis por esses conflitos.

Os nossos agricultores estão, na realidade, produzindo mais do que produziram nos outros anos mas, com a atual política econômica não terão condições de dar esta resposta tão grande, de 8,5% de crescimento, num período de ajustamento tão pequeno. Portanto, temos uma média de demanda de 5% e de 8,5% de crescimento para esses produtos. Em relação ao arroz, ao feijão, à banha de porco e à mandioca, normalmente o crescimento fica em torno do crescimento da população, que é de 2% ao ano.

Portanto, a perspectiva da agricultura brasileira, na realidade, é de crescer, à medida em que os agricultores entendam esta conversa que estamos tendo aqui. Como eu tenho certeza de que eles já entenderam e estão organizando a sua produção nesta direção, é claro que o Governo vai ter muito mais problemas para abastecer a população brasileira de feijão, arroz, mandioca, porque, na realidade, os agricultores que compreendem este crescimento de demanda, possivelmente não estarão interessados em produzir tais produtos.

Vocês poderão dizer-me o seguinte: "Eliseu, você está pintando o mercado potencial no Brasil como excelente".

Na realidade, um mercado que apresenta média de crescimento da demanda de 5% e crescimento médio para determinados produtos que são, exatamente, os preferidos pela agricultura moderna, de 8,5%, é um mercado brilhante.

Se a política econômica isolasse o Brasil do resto do Mundo, o crescimento da demanda se refletiria, dramaticamente, nos preços em que ela tivesse crescimento superior à oferta. Mas, nas causas do abastecimento, o isolamento é quebrado e as importações obstam os ganhos dos produtos. Além do mais, os preços internacionais guiam a política interna de abastecimento, sempre disposta a proteger os consumidores.

Os países ricos também protegeram a sua agricultura da competição externa e tiveram de se preparar para enfrentar o problema do crescimento da demanda e preparar-se de duas formas: com brutal investimento em pesquisa. Para vocês terem uma idéia, a Europa, que produzia mais ou menos uma tonelada de grãos por hectare ao findar a Segunda Guerra Mundial, hoje está produzindo mais de 6 toneladas; portanto, multiplicou, em 40 anos, por mais de 6 vezes a sua produtividade. Coisas semelhantes aconteceram nos EUA, a partir de 1940; aconteceram, também, no Canadá e estão acontecendo com velocidade enorme na Ásia, que se caracterizou, durante muito tempo, como grande importador de alimentos. Hoje, grandes partes da África já estão tornando-se em pequenos exportadores de alimentos, em função da revolução tecnológica. E a União Soviética, que é grande importadora de alimentos - no meu modo de entender, pelo tipo de política econômica que eles estão praticando - possivelmente também deixará de ser grande importadora nos próximos 5 a 10 anos. Aí está o primeiro grande aspecto que trouxe o crescimento da oferta de alimentos nos países desenvolvidos do Mundo e que também está chegando aos países do Terceiro Mundo, limitando o nosso mercado e fazendo-nos ameaça, porque, na medida em que existir mercado produtor do qual o Governo possa lançar mão para importar alimentos é evidente que os nossos agricultores terão que considerar esse mercado produtor, no seu poder de competitividade, para organizar a sua produção. Portanto, para realmente subsistir e ganhar o mercado interno, terão que ter a capacidade de aumentar, substancialmente, a sua produtividade.

Vocês poderão alegar que, com movimentos sociais bem organizados poderemos boicotar a importação de alimentos no Brasil. Poderão alegar, também, que estamos prejudicando, substancialmente, os empregos que existem no meio rural. Mas isto não dura muito tempo: o poder político do Brasil, hoje, está nas mãos dos consumidores. Eles poderão querer pagar preço mais caro por alimentos em relação ao mercado internacional durante certo período, mas não durante um tempo muito grande, porque começarão a fazer comparações e vão sentir que

estão sendo prejudicados no momento em que estiverem pagando preço mais elevado. Vocês poderão dizer: "Eliseu, você está dizendo uma tolice; se a gente multiplicar qualquer alimento lá da Europa pelos dólares, vamos chegar à conclusão de que o consumidor europeu paga preço muito mais alto em relação ao alimento que ele consome lá, do que o brasileiro. Paga em termos absolutos, não em relação à renda que eles têm.

Outro aspecto que contribuiu, principalmente nos países ricos, para se ter acréscimo muito grande da produção, foi o pesado subsídio que essas sociedades estão dando, exatamente para manter os agricultores no campo. Então, essa composição de desenvolvimento tecnológico e de pesados subsídios levou à formação de grande excedente nos mercados internacionais, excedente que, na realidade, vai balancear de certa forma a maneira como o Governo brasileiro vai olhar o crescimento da agricultura brasileira.

Temos um mercado crescendo, temos grande potencial no Brasil para produzir alimentos, temos capacidade de competir nos mercados internacionais, embora de modo cada vez mais duro, mas temos, evidentemente, grande responsabilidade: todos os ganhos dentro do Brasil só serão possíveis se a agricultura brasileira se organizar. E para que ela se organize, a sociedade brasileira terá que a amparar melhor, porque o aumento de produtividade não se faz sem a capitalização da agricultura.

A diferença entre o crescimento normal da agricultura brasileira no passado (que foi um crescimento baseado na expansão da fronteira agrícola) e o crescimento decorrente do aumento da produtividade está em que as máquinas e os equipamentos (tudo aquilo que diz respeito a capital) passam, como por milagre, de um momento para outro, a ser os principais instrumentos de produção no campo. O trabalho e a terra passam a ter importância secundária nesse desenvolvimento e este capital criado pelo Homem torna-se, como por encanto, o fator principal para explicar a variação da produção e da produtividade. Não há muito tempo, agora, para explicar como isto ocorre, mas gostaria de mostrar-lhes algumas estatísticas, para terminar esta exposição.

Se examinarmos o crescimento médio da demanda de 5% ao ano, podemos garantir o seguinte: a fronteira agrícola brasileira não tem condições de dar mais do que 1%. É muito difícil expandir a fronteira

agrícola brasileira em mais de 500.000 ha/ano, porque essa expansão se daria na Região Amazônica, que é distante dos principais mercados brasileiros e apresenta complicações ecológicas muito grandes.

Então, temos 1% proveniente da expansão da fronteira agrícola e os outros 4% terão, evidentemente, que vir como consequência do aumento da produtividade da agricultura. Esse aumento da produtividade da agricultura decorre de tudo isso que vocês falaram aqui, pela manhã: melhor política econômica, melhor política de preços, melhor política de crédito e, sobretudo, política inteligente de investimento em agricultura.

Esses 4% são um crescimento muito elevado. Pode-se pensar que 4 é um número muito pequeno, mas muito poucas agriculturas do Mundo tiveram uma taxa de crescimento da produtividade de 4% ao ano durante uns dez anos.

São números relativamente muito elevados; portanto, vão exigir grande esforço. Mas o Brasil tem uma saída: como a nossa agricultura possui, ainda, pequena área irrigada, podemos dividir esses 4% de dois modos: 2% viriam do crescimento da área irrigada e os outros 2% ficariam com a agricultura de sequeiro.

O que significa 2% vindo da agricultura irrigada?

Significam mais ou menos 350.000 hectares irrigados por ano, ou seja, num programa de 10 anos, mais ou menos 3,5 milhões de hectares. Os outros 2% teriam que ser concentrados nas diversas culturas, na cultura de sequeiro e, hoje, graças aos grandes investimentos que o Governo brasileiro fez em Ciência e Tecnologia, pensamos que as nossas instituições científicas - se os agricultores forem devidamente amparados por uma política econômica sábia - terão condições de fornecer o acervo tecnológico para esse ganho de 2% de produtividade. Com isto, os 2% relativos aos 3,5 milhões de hectares irrigados em 10 anos de agricultura, os 2% de crescimento da agricultura de sequeiro e a expansão da fronteira agrícola de 500 a 600 mil hectares completariam o quadro, permitindo, portanto, que a agricultura brasileira se expandisse de acordo com o crescimento da demanda.

O crescimento da demanda está aí e não temos como evitar, a não ser que se instale novamente uma depressão no Brasil.

A resposta da agricultura brasileira vai depender da forma com que ela for tratada.



É claro que a política de irrigação é a política na direção correta. Mas ela, por si só, não resolverá o problema, porque teremos que fazer a agricultura não irrigada crescer de 2% ao ano, o que também não é pouca coisa. Isto exigirá grandes reajustes dos investimentos no Brasil, no sentido de dar maior preferência para a capitalização da agricultura do que tem sido dada até aqui.

Entretanto, se o Governo Brasileiro não considerar este fato, a experiência da importação de alimentos que tivemos este ano deverá repetir-se.

O mercado internacional está cheio de alimentos. Mas, na medida em que importarmos alimentos estaremos tirando o emprego da nossa população do meio rural e não deveremos nos assustar se o êxodo rural vier a se incrementar, apesar do Programa de Reforma Agrária.

Na década de 70, cerca de 40% da população do meio rural migrou para a cidade, por terem sido criados muitos incentivos e porque também houve muita discriminação contra a Agricultura.

O que devemos ter na cabeça é que essa importação de alimentos, embora consulte os interesses dos consumidores brasileiros - ninguém pode ser contra ela sob este aspecto - tem reflexo muito grande sobre a pobreza rural, pois grande parte da pobreza do Brasil está no meio rural e não nas grandes cidades. A renda média do meio rural é cerca da metade ou um terço da renda da cidade, tendo efeito sobre a migração rural/urbana, inclusive agravando os conflitos sociais que temos tido no Brasil.

Em um quadro desses, não vejo como conseguir os dólares necessários para comprar alimentos no mercado internacional, dadas as complicações que temos tido na balança de pagamentos. Pelo contrário, a nossa agricultura deverá ajudar o Governo a pelo menos tentar amainar os problemas que estamos enfrentando no mercado internacional.

Em vista disso, imagino que, embora as circunstâncias deste ano não sejam as melhores possíveis com relação à política econômica para a agricultura, a pressão da sociedade brasileira urbana será no sentido de forçar os mentores da economia nacional a definirem uma política econômica que possa garantir a tranqüilidade do abastecimento da população brasileira e, também, as exportações de que carece a nossa agricultura.

Portanto, resumindo e terminando: temos um mercado muito bom, há ameaças do mercado internacional, mas não acredito que essas ameaças possam fazer-se sentir aqui dentro do Brasil, em virtude das razões que mencionamos.

A única forma válida de expansão da produção brasileira é via incremento da produtividade. E que isto se faça, necessariamente, por maciços investimentos na agricultura.

No meu modo de entender, temos ambiente social que irá criar pressões cada vez maiores para que o Governo brasileiro realmente ampare a nossa agricultura.

Esta é a minha crença, uma crença fundamentada no que conheço da História brasileira e também devido à longa vivência que tenho tido como analista da Agricultura do nosso País.

Isto é o que eu queria dizer-lhes.

Muito obrigado.